

Manicômio



Manicômio

1. CAPÍTULO: O início de tudo ;
2. CAPÍTULO: Primeiras mortes ;
3. CAPÍTULO: Por que de tudo isso?
4. CAPÍTULO: Matar ou morrer;
5. CAPÍTULO: Fim de tudo .

Esse livro fala sobre um homem que teve uma infância traumática, causando diversos transtornos psicológicos nunca tratados, que acabou se tornando um assassino sangrento, sem o mínimo remorso em tirar vidas inocentes, não recomendado para crianças menores de 16 anos.

Matéria; Português;

Prof; Andressa Alves;

Autor(a); Rafaela Prestes Cardoso.

Capítulo 1

Era uma terça-feira, dia 17 de agosto de 1943 quando eu nasci, minha mãe Lilian nunca desejou ter filhos, meu pai Jonh também não queria filhos , mas pelo menos tentava ser um bom pai ao contrário de minha mãe, que se tivesse tido oportunidade teria me trocado por uma garrafa de álcool assim que nasci.

A partir do dia de meu nascimento, fui criado como um pequeno inseto, indesejado por todos em minha volta, se fosse descrever minha infância eu diria que foi...difícil e frustrante, meu nome foi escolhido quando já tinha meus três anos " Thomas ", eu detestava esse nome, mas acabei aprendendo a gostar com o passar do tempo.

Meu pai foi e sempre será o único ser humano que eu amei, mas infelizmente ele morreu no ano de 1953, quando eu tinha apenas 10 anos , minha mãe, alguns dias após a morte de meu pai, levava diversos homens para dentro de nossa casa, alguns desses homens sempre me tratavam muito mal, mas eu já era acostumado com isso .

Os homens que minha mãe levava para dentro de casa nunca eram homens bons, eram sempre...idiotas que me tratavam como lixo, ou com algum tipo de psicopatia, nunca disse para minha mãe como os "namorados" dela me tratavam, até porque, se falasse algo, ela me chamava de "menininha indefesa", por não conseguir me proteger sozinho.

Durante 3 anos de minha vida, minha rotina era literalmente ser espancado pelos "namorados" de minha mãe, chorar, estudar e caçar pequenos animais na modesta floresta que tinha nos fundos de casa.

Em 1963, comecei a cometer meus primeiros delitos, batendo em colegas da escola, matando os animais de estimação dos meus vizinhos e cortando cabos da internet deles, admito que sabia que era errado, mas era tão divertido e satisfatório ver os pequenos animais lutando para sobreviver, o que se tornou mais viciante a cada semana.

Quando tinha 17 anos, sai de casa e fui morar com um amigo da escola que tinha duas irmãs, seus pais eram separados.

No mesmo dia que completei meus 18 anos, fui até uma loja de armas e comprei um rifle CBC 7022 com minha identidade falsa, cheguei na casa de minha mãe, dei cinco tiros sem pensar duas vezes, dois tiros a atingiram na cabeça e três entre a barriga e o peito, após a vontade insaciável de matá-la passar, admito que me arrependi, mas por não ter feito com que a morte dela fosse mais dolorosa e demorada.

Eu contei ao meu amigo sobre meu primeiro assassinato, se chamava Márcio, ele entrou em pânico e quase me entregou para a policia, mas matei ele antes mesmo dele conseguir sair pela porta, dessa vez, atirei no meio de seu joelho, fiquei admirando ele chorar e gritar por piedade de minha parte, matei ele e escondi seu corpo debaixo da cama de sua irmã, eu até pensei em ficar, pois gostaria de assistir a irmã dele chorar quando encontrasse o corpo, mas a polícia me encontraria. Também pensei em matá-la assim que sofresse, dessa vez com um perfil diferente do costume.

Durante 2 semanas acompanhei todas investigações que tivessem ligação com meus 2 primeiros assassinatos, felizmente a polícia não encontrou nada de digitais ou minhas armas usadas no crime, até porque eu tinha me livrado de qualquer vestígio que provasse que teria sido minha culpa, eu era bom nisso. Comecei a trabalhar em um mercado, que foi muito bom para conhecer mais possíveis vítimas, sem levantar suspeitas, admito que no início foi difícil ser gentil com os clientes, até porque ninguém nunca foi gentil ou educado comigo além do meu pai, sim...admito que ainda sinto falta dele e o que mais me incomoda é ter que admitir que todas as lembranças que tenho de meus pais é sendo brutalmente espancado, a única pessoa que sinto falta é de meu pai que pelo menos tentou me tratar com amor e carinho.

Sei que não era essa vida que meu pai gostaria que eu tivesse, acreditava que talvez um dia eu ainda pudesse tentar mudar...mas ainda tinha muita vontade e só iria saciar com pessoas para matar.

Capítulo 2

Dois meses depois de meus primeiros assassinatos, percebi que estava perdendo o controle da situação, e então para ajudar a manter o meu controle, criei uma lista de exceções onde colocaria detalhadamente informações de pessoas que eu não poderia matar, na lista tinha, menores de 16 anos, mulheres e homens que tinham filhos, a não ser que fossem péssimos pais, entre outras coisas.

Nesse mercado eu era o funcionário mais novo isso fazia com que as pessoas me vissem como um pobre inocente trabalhador, as pessoas me tratavam muito bem...talvez por causa de meu sorriso genuíno, passei dias ensaiando em frente ao espelho, ou talvez por causa de meus olhos claros, brilhantes, minha pele clara ou também, só por pena.

Dois meses depois, escolhi minha próxima vítima um homem solteiro e sem filhos que tinha se mudado recentemente para a cidade, estudei a rotina dele por três dias seguidos e logo tirei minhas conclusões.

No início do dia, na sexta-feira, peguei meus estojo de facas e itens de tortura e parti em direção a casa de minha próxima vítima, aquele idiota sempre deixava a janela da cozinha aberta, então não foi difícil entrar na casa dele, eu entrei na moradia do homem e logo amarrei ele em uma cadeira bem firme, não vou entrar em detalhes do que aconteceu com ele, mas eu demorei cerca de três horas torturando ele até o último de seus suspiros.

Foi divertido, vê-lo lutando contra a dor, ele gritava sem parar e chorava, chorava muito, no final da noite, fui até rio e embalei o corpo dele com alguns sacos de lixo e fita adesiva ao redor do corpo, coloquei algumas pedras junto do corpo, fazendo afundar na água com mais facilidade.

A polícia começou a investigar o sumiço do homem, cerca de 72 horas depois do desaparecimento, durante esse período, eu fiquei em casa, estudando minhas próximas vítimas e acompanhando os passos da polícia, para ter certeza que eles não me descobririam, pelo menos, não tão rápido.

Duas semanas depois, entro na casa de outro homem que tinha o mesmo perfil do último torturado, eu vejo ele deitado na cama, cravo uma faca na coxa dele, ele grita e imediatamente começa a chorar, eu fiquei olhando alguns minutos o homem pedindo por piedade, antes de ir embora, amarrei um dos pés dele em um gancho improvisado no teto, deixando ele sangrar até a morte.

No outro dia, minha manhã estava tranquila, tomei meu café e sentei em frente ao computador, fui pesquisar sobre minhas próximas possíveis vítimas, encontrei diversos artigos sobre alguns moradores de minha cidade, logo encontrei alguns homens com a mesma idade de minhas vítimas anteriores. Também procurei sobre os casos policiais sobre meus últimos assassinatos, a policia estava sem nenhum rumo e demoraria muito tempo para me encontrar, se eu continuasse assim, discreto.

Quando sai de casa para o trabalho, a policia estava na esquina da rua, sem pensar duas vezes fui para o lado contrário da policia, não queria que os policiais vissem meu rosto tão cedo.

Duas semanas depois eu já tinha planejado meus próximos passos, eu já sabia que um minúsculo erro poderia me levar para a cadeia ou até ser morto, mantive minhas manias de sempre, cometendo os crimes sempre da mesma forma dolorosa e muito lenta, todas as vezes deixando desenhos criados por mim nas paredes das casas de minhas vítimas, mas logo percebi que essas minhas manias, talvez só talvez ajudariam a polícia a me encontrar mais rápido, os desenhos importavam.

Fui até a casa de minha próxima presa, quebrei a janela da cozinha e entrei, andei silenciosamente até o quarto, não havia ninguém, comecei a procurar em todos os cômodos da casa, admito que senti raiva e desespero por não ter sido tudo exatamente como eu planejei, mas uma hora ou outra isso aconteceria, querendo ou não, encontrei o homem adormecido no sofá, eu ri baixo, aliviado por finalmente encontrá-lo, rapidamente o matei, arrastei o corpo até a banheira, esgravatei os armários da casa do e encontrei ácido fluorídrico, derramei dentro da banheira o ácido, deixei o corpo dissolver.

CAPÍTULO 3

Eu adoraria ter tido uma vida normal, como se fosse um jogo onde eu precisava me esconder da polícia e assassinar pessoas, você pode até me achar louco, malvado ou problemático, mas se você tivesse vivido apenas alguns momentos de minha vida...entenderia o por que fiz isso, é como se quando matasse alguém o monstro que habitava dentro de mim se acalmasse temporariamente, as vezes eu odeio ter que matar pessoas inocentes quase todas as semanas, porém, foi a única maneira que eu encontrei para conseguir me acalmar.

Depois de uma semana toda dentro de casa sozinho, já estava quase entrando em crise existencial, fui até o mercado de minha cidade, era próximo de minha casa, então foi bem rápido, cheguei em casa e me sentei em frente ao computador, minha vida era entediante, logo resolvi me divertir um pouco, peguei meu estojo de facas e itens de tortura e sai novamente, mas dessa vez, eu não tinha um plano.

Eu andei pela rua vagorosamente, procurando minha próxima vítima, dessa vez seria aleatório, logo vejo um homem alto, loiro que aparentava ter em média 30 anos, eu me aproximei e comecei a puxar assunto, tentando descobrir só algumas coisas sobre ele, para ter certeza que ele não estava em minha lista de exceções, ele me disse muitas coisas para um desconhecido, mas não prestei atenção em absolutamente nada, a única coisa que eu queria era informações pessoais dele, e não sobre a porcaria de um jogo de futebol ou em quem ele teria votado no ano passado.

Finalmente, ele me disse que não tinha filhos e morava sozinho desde os 16 anos, que seus pais moravam em outro estado, cada palavra que ele falava eu tinha cada vez mais certeza que ele era a vítima perfeita, no momento em que começou a ficar tarde ele me disse que tinha me achado muito interessante e me ofereceu uma carona no carro dele pois já estava tarde e não era seguro ficar sozinho na rua nesse horário, eu ri baixo pensando em tudo que ele tinha acabado de falar, ele literalmente estava falando aquilo para um assassino em série.

O homem que minutos depois descobri que o nome era Fernando, me deu a carona tranquilamente, discretamente puxei o cinto do carro e enrolei em volta do pescoço de Fernando após poucos km, imediatamente ele se debateu no banco do carro tentando respirar, eu cada vez apertava, mais firme deixando ele quase desacordado, mas não queria desmaiá-lo eu queria fazê-lo sofrer até a morte, afrouxei o cinto do pescoço dele, deixando recuperar um pouco de ar, mas logo voltei a apertar, ele tentava gritar mas já tinha perdido todas suas forças, até para berrar, Fernando desmaiou eu aproveitei, olhei na carteira de identidade dele, descobri que o idiota que aparentava ter 30 anos tinha apenas 19, pensei em milhares de coisas e comecei a entrar em pânico, sem saber o que fazer com um garoto tão novo desmaiado, que tinha visto meu rosto, eu fiz o que qualquer um faria naquele momento...guilhotinei o pescoço do garoto com uma de minhas facas cegas, o sangue se espalhava por todo o carro, eu desci do carro e sai correndo o mais rápido que pude, algumas pessoas me viram mas naquele momento eu não dava a mínima pra isso.

Cheguei em casa em pânico, pela primeira vez eu errei em absolutamente todos meus passos durante o assassinato, eu tomei meu banho rapidamente e arrumei minhas malas, eu tinha que sair daquela cidade, o mais rápido possível, cheguei no aeroporto e furei aquela fila algumas vezes, até chegar na bilheteria, comprei minha passagem para um país aleatório e me sentei no banco de espera.

Minhas mãos estavam suando muito eu estava muito nervoso, finalmente chamam por meu nome eu entrei e sentei no meu lugar, antes de decolar, alguns policiais entraram no avião e falaram que todos os voos teriam sido cancelados temporariamente.

Imediatamente desci e me sentei em uma cafeteria do aeroporto, eu estava claramente nervoso, era estranho pensar que talvez eu sairia dali algemado, eu voltei para minha casa e enterrei todos meus itens de torturas contando facas e armas, meu desespero aos poucos foi passando, eu sabia que a partir de agora a policia estava me investigando, eu precisaria ser muito mais cuidadoso em tudo que fizesse a partir daquele momento.

Nos próximos dias, fiquei em casa pensando em como eu queria mudar, eu já desejava mudar...mas eu tinha perdido o controle de tudo, cerca de metade do meu tempo, estava chorando de arrependimento por tudo que fiz e na outra metade do tempo estava olhando vídeos de pessoas sendo decapitadas na deep web, aquilo tinha fugido do meu controle já fazia muito tempo, o único problema é que eu demorei muito para perceber, se me perguntassem, se eu me arrependo de algo eu diria tantas coisas...mas agora eu tenho que escolher entre ser o caçador ou a presa.

capítulo 4

Naquele momento, acabei me deixando levar pela minha vontade insaciável de matar, eu fui até uma casa, quando entrei vi dois adolescente e três adultos, matei cada um deles de forma sofrida e dolorosa, comecei a destruir os cadáveres das pessoas, cortando em pedaços e queimando outras partes, a maior parte dos pedaços de carne humana dei para os cachorros da vizinha comer, os restos enterrei.

Aquela cena macabra e o cheiro insuportável só pioravam a situação, eram muitos, o erro anterior me desorganizaram, cada vez mais, eu me sentei na varanda, peguei um pedaço de carne humana e comecei a mastigar, o gosto me dava ânsia de vômito, mas continuei comendo...aquilo era quase a coisa mais nojenta que eu já tinha feito, a carne humana crua, parecia cada vez pior a cada mordida, minutos depois eu vomitei tudo o que tinha comido.

Cheguei em minha casa, me deitei na cama, meu corpo estava tão exausto, tudo que eu queria naquele momento era estar morto.

No outro dia, passei a manhã toda no banheiro vomitando, fui até a casa de minha vizinha e assassinei ela com um tiro, sem remorso, eu me deitei no sofá da casa dela e adormeci como uma criança. Acho que devo ter dormido por umas três horas seguidas, fazia tempo que eu não dormia tão bem como naquela manhã.

Capítulo 5

Eu acordei horas depois, fui até a delegacia e me entreguei como culpado, os policias me interrogaram várias vezes, pareciam não crer, sem excitar me jogaram dentro de uma cela, que era estupidamente fedida e suja, as paredes pretas me deixavam cada vez mais deprimido, passei algumas horas sentado naquela cama extremamente desconfortável pensando em tudo que tinha feito de ruim em minha vida, por mais que eu tenha sido um péssimo ser humano, considerado até um monstro, acredito que no fundo eu seja uma boa pessoa, os outros presidiários de alguma forma sabiam de meus crimes, eles me agrediram e me estupraram por eu ter matado minha mãe e outras duas meninas, na segunda semana preso eu desejava mais que tudo estar morto ou sair daquele inferno, mas não seria tão fácil assim me matar ou fugir, meses depois, recebi uma visita de uma avó paterna, me desabei em lágrimas quando a vi, ela era o único ser humano que não queria me ver morto, tenho certeza que ela me amava de verdade.

Depois de conversar com ela, por horas seguidas, ela teve que ir embora, fiquei realizado em saber que ela ainda tinha esperança em mim, jurei a ela que faria de tudo para sair da prisão e ter uma vida normal ao lado dela, mas meu juramento foi todo em vão, pois cerca de dois dias depois fui brutalmente espancado até a morte por outro presidiário.